



Passeio pelo tempo, o tempo da memória. Rastro da



memória, resto do tempo na ampla visão. Paisagem



panorama, visível mirada...Impressão. Olhar que vaga



no horizonte imaginado, imaginária linha, imaginação



Imagem mágica, viagem fantástica

MONICA MANSUR

Imagem mágica...

Imagem (imaginação), paisagem pessoal e inventada, formada pela luz, pela memória, construção fisiológica e mental.

Quando produzi uma fotografia com uma pinhole pela primeira vez, me senti como um navegante português ou espanhol, cortando os mares e chegando às costas virgens das Américas: uma “paisagem” nunca vista foi me trazida pela luz, capturada numa “caixa preta”, e esta impregnou uma superfície fotossensível e se descortinou – ou melhor, neste caso, revelou-se – imersa dentro da bacia no meu laboratório fotográfico. Gravura feita de luz...

A partir deste momento, fui fisgada.

Meu pensamento não mais parou de perguntar, de responder, de alucinar, de descrever e de instigar infinitas prosas, versos, raciocínios, ao mesmo tempo em que eu continuava a construir, desmontar, inventar, perfurar e descobrir mil possibilidades de captura de imagens sem nenhuma mediação mecânica ou eletrônica.

Em minha série *Panoramas Imaginários*, fotografias captadas por uma pinhole em filme 120, o negativo recebe por inteiro a imagem trazida pela luz, mediante várias exposições que acontecem durante o deambular do fotógrafo. As imagens não são panoramas verdadeiros, são as possibilidades imaginárias do olhar a passeio, são imagens cristais, imagens em si, não paisagens; são afirmações do significado de paisagem como imagem e como conceito. São o ir e vir, a sobreposição, a dupla exposição, a inclinação. São a construção de uma paisagem inexistente, inventada; impressões, imitações, ficção. São imagens de um tempo sobreposto, composto, paradoxal e recuperado, passeio num tempo indefinido, volta ao passado e imersão no futuro... Meus *Panoramas Imaginários*

determinam o reconhecimento de uma eterna viagem fantástica – vou até onde não se pode ir, vejo o que não se pode ver... e mesmo que pudesse, não existe o que penso ver.

Assim, a paisagem é um pretexto, uma metáfora, uma redundância, uma construção... Um paradoxo...

Encontrar na mágica a solução para o problema artístico, esta é uma das nossas funções. Ao descortinar a minha paisagem pessoal e única pelo buraco da agulha, descobri o segredo: na distância entre o olhar e a paisagem, nos acontecimentos fotográficos provocados neste espaço sem mediação, encontrei a verdadeira natureza da questão conceitual; a percepção da paisagem é o momento da luz carregando a imagem, imprimindo a superfície tal qual a retina, duplicando estereoscopicamente a marca deixada num rastro imperceptível, imóvel, atemporal, impregnado de memória, de passado, um indefinível presente, infinito futuro.

Sem dúvida, um paradoxo: tentar aqui descrever em palavras algo que não poderia ser nem mesmo pensado (o pensamento é formado de palavras...), muito menos verbalizado, articulado dentro do conceito.

Em minha fotografia capturada em câmera escura através de um buraco de agulha, tudo sobre a formação da imagem aparece no resultado final: a forma como a luz carrega a imagem para depositá-la na superfície fotossensível, sem intermediações ou correções, em processo análogo à forma como o olho recebe o corpo de informações visuais que irá se compor no cérebro e determinar um objeto imaginário. O olho vê a imagem pensada: mostro uma imagem que só existe na ficção do “olhar mental”.

Assim, a captura da imagem faz do processo todo um fascinante mergulho no indescritível, no indizível, no invisível, na (provavelmente) mais pura aventura visual... viagem fantástica.

MONICA MANSUR 2014

MONICA MANSUR

monicamansur2010@gmail.com

É artista visual, nasceu, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Graduada pela FAU/UFRJ em 1980, freqüentou a EAV/Parque Lage por alguns anos, onde iniciou sua carreira como gravadora com o desaparecido mestre José Lima, em cujo atelier passou a trabalhar desde final do ano de 1989 até 1992. Começou a expor individualmente neste mesmo ano (1989), quando foi Novíssimos do IBEU. Nos anos 90, participou de inúmeros salões no Brasil e no exterior e continuou a expor individual e coletivamente, com destaque para exposições nos EUA, Espanha, Áustria, Colômbia, São Paulo, Curitiba, Florianópolis e aparições em feiras de arte contemporânea como ArCo Madrid, ArteBA, Arte Bogotá, SPArte e ArteRio. cursou a pós-graduação em História da Arte e Arquitetura no Brasil da PUC/RJ, concluído em 1996 e obteve o título de Mestre pelo PPGAV/Escola de Belas Artes/Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2000. Atua em diversos coletivos, concebeu e coordena vários projetos em grupo, dentre eles o Projeto Dialeto (com a artista Lia do Rio), o Atelier Rio Comprido, o Coletivo Buraco de Fotografia, o Espaço/Projeto Figura (www.projetofigura.com) junto à artista Claudia Tavares, com quem é associada na Binóculo Produção e Editora. Sua obra é citada em artigos e pesquisas internacionais, além de apresentada em publicações brasileiras, está em diversas galerias e instituições culturais, pode ser vista em vários livros e no site www.monicamansur.com.